

## **“Amador? Só no nome”**

História e Etnografia do Futebol Amador em Curitiba-PR

Allan de Paula Oliveira (UNIOESTE-PR)<sup>1</sup>

Hélder Cyrelli de Souza (Colégio Militar de Curitiba)<sup>2</sup>

João Castelo Branco Machado (Tuitam Filmes)<sup>3</sup>

O nome oficial é “Campeonato Metropolitano de Futebol Amador de Curitiba”. No entanto, é mais conhecido em Curitiba e em sua região metropolitana pelo nome de “Suburbana”. Disputada desde 1941, a Suburbana é atualmente um dos eventos mais tradicionais da cidade de Curitiba, capaz de ativar uma série de planos sociais que, para as ciências humanas, são de profundo interesse. Por este campeonato, representações são ativadas, sejam elas espaciais – um bairro da cidade contra outro, zona norte e zona sul, a afirmação identitária de determinados bairros; representações de estrato e classe social – um time associado a operários da indústria, outro time a comerciantes, outro time a classes mais abastadas; representações de origem étnica – o time dos italianos, o time dos alemães, o time dos “pé-vermelhos”; representações de geração – um time surgido na década 10, outros nas décadas de 50, alguns nos últimos quinze anos<sup>4</sup>. Enfim, um campeonato que põe em prática uma série de códigos pelos quais muito da vida urbana é revelado e que também convida a uma observação sobre a dinâmica futebolística, nas relações entre diferentes universos do futebol ou, como aponta Damo, para dar conta da diversidade de práticas agrupadas sob o substantivo “futebol”, nas relações entre as “matrizes futebolísticas” (Damo 2007: 39-40).

Este texto sumariza alguns aspectos inferidos a partir de uma etnografia da Suburbana, realizada no segundo semestre de 2010 e complementada com a observação de outros campeonatos amadores de Curitiba – e que gerou o livro “O Futebol da

---

<sup>1</sup> Antropólogo e professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

<sup>2</sup> Historiador e professor do Colégio Militar de Curitiba.

<sup>3</sup> Fotógrafo e cineasta ligado à produtora curitibana Tuitam.

<sup>4</sup> “Pé-vermelho” é a alcunha usada no Paraná, depreciativa em alguns contextos, dos imigrantes advindos do interior do centro-sul do Brasil, marcadamente o interior do próprio estado do Paraná, em um movimento migratório ainda intenso, mas que teve seu ápice entre as décadas de 50 e 80. O vermelho do pé refere-se à terra roxa, solo típico do interior do Paraná. É importante observar que a cidade de Curitiba e sua região metropolitana formaram-se a partir de ondas migratórias de origem distinta: estrangeira (final do século XIX e três primeiras décadas do século XX) e interiorana (décadas de 50 a 80). Tais movimentos, politicamente, recebem valores diferentes, o que aponta para construções historiográficas distintas.

Os estudos sobre imigração em Curitiba sofrem com esta valoração. Há poucos trabalhos que procuram analisar ambos os movimentos. O mais comum, porque politicamente mais valorizado, são estudos sobre as emigrações estrangeiras, analisadas por separação de etnias. Para dois trabalhos que tangenciam ambos os movimentos, cf. Oliveira (2011) e Almeida Santos (1997)

Contracapa” (Oliveira, Souza e Machado 2013). Serão apontadas, de forma breve, algumas direções de pesquisa que esta etnografia abriu – algumas delas exploradas mais a fundo no livro e outras aguardando pesquisas futuras. Sendo assim, nada a ser lido aqui é conclusivo. O objetivo é convidar o leitor a perceber como um campeonato de futebol amador oferece uma espécie de “olho mágico” pelo qual universos mais amplos podem ser observados: a dinâmica da vida urbana, as relações entre as diferentes matrizes futebolísticas e suas dinâmicas internas.

## **O Campeonato.**

A Suburbana é um campeonato de futebol envolvendo equipes amadoras. Tais equipes representam clubes, alguns extremamente tradicionais em Curitiba e região metropolitana. Este dado – o clubismo – importa aqui porque dá à Suburbana um valor simbólico que a diferencia de outros campeonatos amadores do município. Muitos destes são disputados por equipes sem vinculação a clubes: são times organizados provisoriamente em função de campeonatos. A Suburbana, nesse sentido, aparece como uma espécie de “elite” do amadorismo, um campeonato que, conforme será apontado adiante, flerta com o profissionalismo e dá espaço para falas como “Amador? Só no nome” – que escutamos de um ex-jogador da Suburbana.

Ou seja, a Suburbana evidencia uma dinâmica futebolística no qual se revela a polissemia de uma expressão como “futebol amador” que neste caso – e em muitos outros – engloba um universo amplo de práticas: desde campeonatos de times provisórios até campeonatos com clubes tradicionais. Adiante, tal polissemia será mais explorada. Por hora, interessa enfatizar o caráter de “elite do amadorismo” da Suburbana.

A edição de 2010 da Suburbana foi disputada por 26 equipes, divididas em duas séries (A e B – equivalentes a uma primeira e segunda divisão), sendo 12 equipes na série A e 14 equipes na série B. Nos últimos anos o campeonato ocorre no segundo semestre e abriga equipes amadoras com sede em Curitiba e filiadas à Liga Amadora do município. As partidas ocorrem sempre aos sábados à tarde, em regime de rodada dupla: a partida principal antecedida de um confronto entre juvenis (menores de 18 anos) – ou seja, na verdade a Suburbana é disputada em duas categorias, uma “adulta” e outra de “juvenis”. A pesquisa realizada em 2010 englobou somente a categoria “adulta”, embora tenha observado a dinâmica que opera entre as duas categorias etárias.

As partidas são realizadas nos estádios dos clubes do torneio, alguns bem modestos, com somente um lado servido de arquibancada (outros nem isto), de tal forma que a assistência muitas vezes assiste ao jogo de pé, no alambrado. Alguns clubes, como o Trieste Futebol Clube, tem estádios bem equipados, com arquibancada (somente um lado) coberta e iluminação – o que permitiria jogos noturnos. A maioria, contudo, tem um estádio muito simples. Todos os estádios são murados, ou seja, tem seu terreno fechado e esta é uma exigência para a participação no torneio. Além disso, o fato do estádio ser murado permite a cobrança de ingressos, o que nem sempre ocorre. Em 2010, várias partidas tiveram ingressos cobrados a cinco reais.

A Suburbana é disputada por clubes cujas histórias são bastante diversas. Alguns, como a Iguaçu (Sociedade Operária Beneficente Esportiva Iguaçu) são tradicionalíssimos na cidade de Curitiba. Outros são clubes bem recentes, criados a partir de dinâmicas populacionais e urbanísticas posterior à década de 80<sup>5</sup>. É importante observar novamente – e este ponto será explorado adiante – que se trata de um campeonato de **clubes** e não de meras equipes. Esse dado é importante para qualquer reflexão sobre a especificidade da Suburbana enquanto torneio de futebol amador.

O torneio começou a ser disputado em 1941, quando da fundação da Liga Suburbana de Curitiba. Sua origem deve ser compreendida em relação ao movimento de profissionalização que marcou a prática do futebol na América do Sul e, por extensão, no Brasil, no final da década de 20 e na primeira metade da década de 30<sup>6</sup>. A Suburbana, portanto, num primeiro momento representou o futebol, em Curitiba, que “não se profissionalizou”, em um momento, décadas de 30 e 40, onde o profissionalismo aparece como possibilidade para as equipes brasileiras<sup>7</sup>. Nesse sentido,

---

<sup>5</sup> O Iguaçu foi fundado em 1919. À título de comparação, dos 12 clubes que disputaram a primeira divisão do campeonato paranaense em 2014, o Iguaçu é mais antigo do que nove deles. Sobre isto, cf. Oliveira, Souza e Machado (2013: 162-164).

<sup>6</sup> O advento do profissionalismo no futebol é um processo que envolveu não somente a mercantilização da atividade, mas também uma dinâmica social onde distinções intrassocietárias operaram como um eixo de produção de ações sociais e simbólicas. Goldblatt (2007: cap. 6) mostra como o profissionalismo, de um modo geral, esteve ligado à apropriação da prática futebolística por diferentes classes sociais. O profissionalismo foi o corolário da popularização: à medida que o futebol se popularizava entre classes trabalhadoras, a pressão por sua profissionalização tornava-se maior. Isto ocorreu na Inglaterra entre 1870 e 1900, na Europa Central entre 1900 e 1920, na Europa Ocidental entre 1900 e 1930 e na América do Sul entre 1920 e 1935.

A este ponto, voltaremos adiante.

<sup>7</sup> Para uma narrativa historiográfica sobre a entrada do profissionalismo no futebol brasileiro, a partir de 1933, cf. Leite Lopes (2004). No caso do Paraná, o profissionalismo foi se “verticalizando” durante a segunda metade dos anos 30, em grande medida para evitar a perda de jogadores para mercados que se profissionalizaram em um primeiro momento (Rio e São Paulo). Cf., sobre isto, as indicações de Mulford e Machado (2005). Este trabalho é uma grande enciclopédia da história do futebol paranaense,

a própria presença do futebol profissional – muito próximo, como veremos, da Suburbana – dá novos significados ao amadorismo. Este fato merece ser enfatizado porque o amadorismo geralmente é remetido, pela historiografia a uma espécie de “estratégia de distinção de classe”, à medida que elites optavam pela prática amadora para se diferenciar da apropriação, profissional, do esporte por classes populares<sup>8</sup>. A Suburbana, desde o seu início, é um futebol de classes populares em Curitiba.

Pela sua própria tradicionalidade, a Suburbana tem uma pequena, porém constante, cobertura jornalística no município. Em 2009, a final do campeonato, disputada por Urano (Associação Clube Esportivo Urano) e Trieste, teve cobertura de três emissoras de rádio, dois jornais locais e de uma rede televisiva. Para além disso, todas as partidas costumam ser transmitidas por emissoras de rádio AM de Curitiba e região metropolitana. A Suburbana, nesse sentido, convida qualquer pesquisador a tomar contato com uma dimensão comunitária da imprensa, marcada por um *ethos* personalista, onde temos a impressão de que todos se conhecem. Ao contrário da impessoalidade que marca o discurso jornalístico sobre o futebol profissional, a Suburbana ainda é marcada por laços comunitários e de reciprocidade.

A dimensão comunitária não aparece somente na cobertura da imprensa. O próprio campeonato também é um espaço de agência de redes comunitárias, à medida que os clubes que participam da Suburbana também são espaços de lazer importantes em seus bairros e regiões da cidade. Enquanto uma partida da Suburbana acontece no estádio Egydio Pietrobelli, na sede do Iguaçu, partidas de truco, dominó, bocha ou meros encontros de amigos estão ocorrendo concomitantemente na parte social do clube. As próprias partidas se apresentam como atividades de lazer para muitos moradores de vários bairros de Curitiba. A impressão de que “todos se conhecem”, desta forma, não é descabida. Esse dado ganha relevância quando confrontado com a dimensão mais impessoal do futebol espetacularizado.

Por outro lado, esse “comunitarismo” também aparece na dinâmica da própria partida. As partidas da Suburbana são marcadas por uma tensão constante dentro de campo. Este é um ponto bastante delicado para qualquer pesquisa porque não raro ele reforça um estereótipo de “violência”: a Suburbana tem fama de ser um futebol marcado

---

que oferece ao leitor uma série de temas que ainda merecem aprofundamentos. Um deles é o processo de entrada de profissionalismo no estado do Paraná.

<sup>8</sup> Para exemplos desta historiografia, cf. Goldblatt (2006) e Frydenberg (2011). Em um levantamento bibliográfico recente, não encontrei trabalhos sobre a história do futebol em Curitiba com uma perspectiva de relação de classes sociais.

por brigas. Qualquer pessoa que acompanha o campeonato – torcedores, jornalistas, jogadores, ex-jogadores, dirigentes de clubes – tem histórias e estórias de confusões e brigas. Contudo, estes próprios agentes recusam a pecha de “violenta” da Suburbana. O que aparece ali é exatamente uma ação mais evidente de laços comunitários onde “o que é dado deve ser devolvido”, caracterizando o que a antropologia sempre tratou como “reciprocidade” – central na regulação social de meios sociais tradicionais<sup>9</sup>. Dessa forma, o que no futebol profissional tende a ser mais escamoteado – a lógica personalista que rege atitudes de vingança, “acerto de contas” – é mais evidente na Suburbana e a “rispidez” das partidas pode ser lida a partir desta ótica.

O “comunitarismo” observado na Suburbana, portanto, estrutura elementos que são ambíguos: por um lado, dentro de campo, torna o jogo mais ríspido; por outro, fora de campo, torna o jogo uma festa. Exatamente por isto, as brigas tendem a ocorrer mais entre jogadores do que entre torcidas<sup>10</sup>. Estas últimas, que no universo do futebol espetacularizado se tornaram, nas últimas quatro décadas, uma questão social relevante, na Suburbana são extremamente modestas, assumindo quase que uma dimensão cômica. Torcidas como a dos *Carcamanos* – do Trieste Futebol Clube, de origem italiana – ou a dos *Talebans* – da União Esportiva Recreativa Santa Quitéria – contam com pouquíssimos torcedores, que se reúnem em todas as partidas para acompanhar seus times. Não há separação de torcidas – com exceção de finais de campeonato – e as

---

<sup>9</sup> O tema está ligado a um texto clássico na antropologia, escrito pelo antropólogo francês Marcel Mauss na década de 20 – “Ensaio sobre a dádiva”. Mauss, neste texto, mostra como as “sociedades primitivas” têm na reciprocidade o elemento chave de suas relações econômicas, morais e jurídicas. Ao mesmo tempo, ele aponta para o fato da sociedade moderna ter tentado substituir tal código com o desenvolvimento de relações monetárias. A partir do momento em que as relações sociais passam a ser reguladas por uma ideia de mercado, o espaço da reciprocidade tende a diminuir.

No entanto, a antropologia, durante o século XX, mostrou como a ética de reciprocidade – baseada na troca, na relação dádiva e contradádiva, dar e receber – foi apenas deslocada, e não eliminada, na vida moderna. Os trabalhos, publicados a partir da segunda metade dos anos 70, de Roberto DaMatta, por exemplo, podem ser lidos nesta linha: eles procuram mostrar como a sociedade brasileira revela espaços “não-modernos”, tradicionais, onde impera menos a lógica do mercado – impessoal – e mais a lógica personalizada da reciprocidade.

No caso do futebol, como o texto tratará, quanto mais amadora a prática mais ela estará enredada na ética de reciprocidade. Desta forma, tal ética é central para a compreensão de práticas como a pelada e o futebol de várzea. Cf., por exemplo, Spaggiari (2008) e Santos (1999). Ver também o artigo de Brito, Moraes e Barreto (2011) sobre como *fair play*, valor que voltou a ser propalado no futebol (o era no século XIX), dialoga com a questão da reciprocidade.

<sup>10</sup> Ou tendem a se concentrar no elemento que representa uma inserção do caráter impessoal no jogo: o juiz. Os juízes que atuam na Suburbana – todos da Federação Paranaense de Futebol, conforme será apontado adiante – sofrem os efeitos destas relações comunitárias. Muitas partidas que vimos terminaram com as torcidas e jogadores reclamando – e, em alguns casos, ameaçando – do juiz. Exatamente por isto, é comum que a polícia apareça nos estádios no final da partida: geralmente, este é o momento do “acerto de contas”.

confusões que por ventura acontecem nem de longe lembram fenômenos como o hooliganismo<sup>11</sup>.

O fato da Suburbana ser disputada por equipes amadoras não significa que tecnicamente o futebol praticado ali seja inferior ao profissional. Escutamos várias vezes, entre torcedores, falas do tipo “*bota o Atlético [Paranaense] aqui contra o Trieste pra ver se ele aguenta*”. Um ex-jogador da Suburbana, com passagens pelo futebol profissional, apontou o mesmo ponto: “*aqui, em termos de futebol, tem muita gente boa, que poderia estar jogando em vários clubes profissionais*”. A diferença, contudo, está menos na técnica futebolística e mais na educação corporal. É visível a diferença de capital corporal exigido pela Suburbana com relação ao futebol profissional: há jogadores mais franzinos, há outros fora de forma ou acima do peso. É preciso observar que os jogos da Suburbana só ocorrem nos finais de semana, sendo que alguns realizam treinos físicos durante a semana. Mas não há comparação com o discurso de “corpo máquina” que tomou conta do futebol profissional nas últimas décadas<sup>12</sup>.

As equipes que disputam a Suburbana são todas filiadas à Federação Paranaense de Futebol (FPF). Esse dado revela como o campeonato constitui um estrato superior do amadorismo, à medida que muitos outros campeonatos amadores em Curitiba são disputados por equipes sem registro na FPF. No caso da Suburbana, tal registro se estende aos jogadores: todos são registrados na Federação – o que significa que eles não podem disputar partidas por outras equipes federadas, mesmo amadoras – e, por extensão, à Confederação Brasileira de Futebol e à FIFA.

Esse controle burocrático da circulação de jogadores é alargado à medida que na Suburbana impera um regime de semiprofissionalismo, similar ao que ocorria de um modo mais amplo no futebol brasileiro – e mundial – dos anos 20 e 30: um amadorismo

---

<sup>11</sup> A fidelidade clubística – central para a compreensão da violência entre torcidas no universo do futebol de espetáculo – neste caso, do futebol amador, ainda merece mais estudos. Isto porque aqui quase todo mundo torce pra dois times, um amador e um profissional. Em alguns casos, pode acontecer de uma torcida organizada de um time amador ser uma facção de uma torcida de um time profissional. É o caso que observamos com a torcida da equipe do Pilarzinho, que representa um clube que tem relações com o Paraná Clube – clube profissional curitibano (no Pilarzinho funciona uma escolinha de futebol que tem parceria com o Paraná Clube). Por isso, a torcida organizada do Pilarzinho é formada por um grupo de torcedores da Fúria Tricolor, torcida organizada do Paraná Clube.

<sup>12</sup> Sobre o corpo como máquina e seus desdobramentos no futebol, cf. Bitencourt (2011). O futebol amador pode se afastar do profissionalismo no grau com que exige um uso do corpo dentro de ditames marcados por “rendimento” e “eficácia”, no entanto, o “corpo do jogador amador” também é entrecortado por discursos, como o de gênero. Neste caso, valores como “masculinidade” e “hombridade” são centrais. Cf., sobre a produção da masculinidade, no corpo, pelo futebol, Faria (2009).

de fachada e práticas financeiras veladas<sup>13</sup>. Este semiprofissionalismo da Suburbana sempre ocorreu – há relatos dele já na década de 50, quando o campeonato tinha pouco mais de dez anos – e o ponto que gostaríamos de enfatizar é como este elemento aparece nos discursos na forma de uma acusação: é sempre o outro que está envolvido em relações semi-profissionais. Este “outro” pode estar no espaço – o time rival é que paga os jogadores – ou no tempo – *“no nosso tempo se jogava por amor à camisa e hoje em dia os caras jogam por dinheiro”*. O fato é que o profissionalismo é, para a Suburbana, sempre um “horizonte à espreita”, seja para jogadores, seja para clubes. Isto, durante a pesquisa que deu origem ao livro citado, nos surpreendeu, porque fomos ao campeonato tendo em mente o futebol de várzea – e uma das primeiras frases que escutamos foi *“isso aqui não tem nada a ver com a várzea”*.

### **Entre o profissionalismo e a várzea: um campeonato e as dinâmicas do futebol.**

Afirmamos acima que a Suburbana é uma espécie de “elite” do amadorismo em Curitiba. Neste aspecto, compreende-se muito bem a fala *“isso aqui não tem nada a ver com a várzea”*, já que a várzea – este espaço mítico na história do futebol brasileiro – representa o “amadorismo mais amador”<sup>14</sup>. A várzea, em certa medida, é o espaço onde a prática do futebol é maximamente regida por relações pessoais: forma-se um time com amigos, vizinhos, parentes. O “comunitarismo” – a centralidade das relações comunitárias, marcadas por uma ética da reciprocidade – tem na várzea seu espaço por excelência. Isto, conforme esboçamos acima, ainda aparece na Suburbana. No entanto, este campeonato também tem suas relações com o universo do futebol profissional, espetacularizado. Tais relações são de tal ordem que se pode ver a Suburbana como um “modelo reduzido” do futebol profissional.

Esta ideia fica evidente nas questões já apontadas acima: nos corpos menos cultivados, na presença de torcidas pequenas, na seriedade das partidas, na cobertura da imprensa. Muito do que se vê no futebol de espetáculo é observado, em escala menor, na Suburbana e frases como *“isso aqui não tem nada a ver com a várzea”* ou *“amador?”*

---

<sup>13</sup> Tais práticas são sustentadas por pequenas redes de patrocínio que envolvem um comércio que operam em níveis de bairros ou, em alguns casos, nos níveis municipal e estadual.

<sup>14</sup> Não é só no Brasil que o futebol tem um espaço mítico, a várzea, onde sua prática é vista como mais “essencial” e mais “pura”. Na Argentina, há o *potrero*, considerado o espaço onde a essência do futebol argentino – sintetizada na *gambetta* (o drible) e no *pibe* (o garoto que é puro talento não corrompido) – é cultivada. Sobre isto, cf. Archetti (2003).

Por outro lado, observe-se que o futebol de várzea, em alguns lugares, é uma verdadeira instituição urbana. É o caso de São Paulo, conforme apontam Magnani e Morgado (1996).

*Só no nome*” enfatizam esta proximidade, que fica ainda mais evidente quando se observa outro elemento muito interessante da Suburbana: o seu uso como “mercado de reserva para jogadores”<sup>15</sup>.

Na Suburbana, do ponto de vista dos jogadores, o profissionalismo aparece como uma espécie de “jogo com o tempo”. Para alguns ele é o futuro. É o caso de inúmeros jogadores juvenis que usam a Suburbana como trampolim para contratos com equipes profissionais. Neste caso, a Suburbana está à mercê, assim como o futebol profissional, da ação deste novo agente futebolístico: o empresário. Há vários relatos na Suburbana de jogadores que, da Suburbana, foram para mercados menores da Europa – Leste Europeu ou países como Bélgica e Suíça.

Para outros, a profissionalismo aparece como o passado. É o caso de inúmeros ex-jogadores profissionais que atuam, logo após a aposentadoria, em clubes que disputam a Suburbana. Nos anos 90 ficaram célebres os títulos conquistados pela equipe da Vila Fanny tendo como goleiro Roberto Costa – jogador que fez carreira na década de 80 e teve uma passagem pela seleção brasileira. Em 2010, a equipe do Vila Urano tinha em seu meio de campo Reginaldo Vital, meia com passagens destacadas por Paraná Clubes e Atlético Paranaense. Em 2013, a equipe do Bairro Alto contou com Alex Mineiro e Rogério Corrêa – campeões brasileiros com o Atlético Paranaense em 2001. Nestes casos, a Suburbana aparece como um espaço pós-aposentadoria, onde ex-jogadores ainda podem praticar um futebol competitivo sem a ordem de pressões do universo profissional. Como disse um desses ex-jogadores: *“aqui a gente se diverte: joga e pode tomar uma cervejinha depois”*.

Há, por fim, um grupo considerável de jogadores que tem o profissionalismo como uma possibilidade do presente. São jogadores que tem suas carreiras marcadas por um elemento de sazonalidade: jogam metade do ano em alguma equipe profissional e a outra metade em uma equipe amadora (no caso, semiprofissional). É comum, por exemplo, que as equipes do interior do Paraná que disputam o campeonato paranaense de futebol profissional busquem jogadores na Suburbana. Em 2011, mais da metade da equipe do Rio Branco, da cidade de Paranaguá, que disputou a série A do campeonato

---

<sup>15</sup> Não é só este futebol Amador que tem muito do profissional, só que numa escala reduzida. O inverso também ocorre, mas com outros significados: há muitas equipes disputando campeonatos profissionais que tem um *ethos* amador. É o que ocorre com muitos clubes de cidades do interior do Paraná, que às duras penas sobrevivem no futebol profissional. E este é um ponto que merece mais análises, pois nos perguntamos se com o aumento da espetacularização do futebol o profissionalismo enquanto possibilidade tende a se restringir, ou seja, torna-se viável para um número cada vez menor de clubes, o que alargaria as práticas semiprofissionais e amadoras.



paranaense, era formada por jogadores que, no ano anterior, haviam disputado a Suburbana pelo Trieste. É há casos onde o jogador opta por ficar na Suburbana: “*é melhor jogar aqui do que a terceira divisão do campeonato paulista*”, nos disse um jogador.

Este dado, do trabalho sazonal, foi revelador porque nos convidou a pensar dinâmicas contemporâneas do futebol profissional e de como ele engloba universos futebolísticos “próximos”, como é o caso de um campeonato de futebol amador como a Suburbana. Mais do que em função da várzea, como imaginávamos, a Suburbana vive numa relação intrincada com o futebol profissional. Desde sua fundação, o profissionalismo é uma sombra com a qual a Suburbana vive se relacionando. Por isso, uma vez mais, a fala “*isso aqui não tem nada a ver com a várzea*” ganha todo sentido: no caso da Suburbana, o que ocorre dentro de campo e o que os que correm dentro de campo estão mais próximos do futebol profissional do que do futebol de várzea. Por outro lado, o que ocorre fora de campo – na torcida – nos lembra que o futebol, apesar tudo, ainda é uma forma de se construir redes comunitárias e é uma forma de lazer para uma parte considerável dos habitantes das grandes cidades brasileiras. Em suma, a Suburbana nos convidou a refletir sobre as relações, dinâmicas, entre diferentes práticas futebolísticas – o futebol profissional e o futebol de várzea. Naquele campeonato estas duas instâncias se entrelaçavam. O primeiro como uma espécie de “modelo” que orientava as ações de muitos agentes envolvidos na prática do futebol: jogadores que atuavam pensando no profissional, na forma como as equipes encaravam o campeonato, na cobertura da imprensa<sup>16</sup>. O segundo como o espaço das redes comunitárias que envolvem a Suburbana: na forma de torcer, nas relação dos torcedores, enfim, no contexto onde o jogo de desenrola.

O livro que escrevemos chamou-se “O Futebol da Contracapa” e apresentou a Suburbana exatamente neste lugar entre o profissionalismo e a várzea. A “contracapa” se deve ao fato de que a Suburbana, por ser a elite do futebol amador, tem uma

---

<sup>16</sup> Essa ideia do futebol profissional como “modelo” da ação e para a ação merece mais investimentos em termos de análise. Ela diz respeito a onipresença do futebol espetacularizado na atualidade, o que implica que ele oferece muito dos parâmetros de ação dos agentes das outras práticas futebolísticas. Quando juvenis entram em campo na Suburbana, muitos deles têm em mente a carreira profissional. Quando garotos jogam sua pelada na rua, são os jogadores “celebridades” que eles tomam como referência e exemplo. Ou ainda, quando pesquisadores – como nós – assistem pela primeira vez a uma partida da Suburbana, é o futebol espetacularizado que oferece a eles as “lentes” pelas quais eles observam o jogo. Para esta onipotência de uma prática e seu caráter de “modelo de ação” – uma expressão usada pelo antropólogo norte americano Clifford Geertz, nos anos 70 e 80 – cf. a descrição de Wacquant (2002) sobre lutadores de boxe em Chicago.

cobertura constante da imprensa em Curitiba, embora pequena. Suas notícias não saem na capa do caderno de esportes, mas na contracapa. Por outro lado, é um futebol ainda não totalmente “domesticado” pelas redes de mercado que se tornaram centrais na prática profissional do esporte: é possível assistir os jogos em lugares sem arquibancadas, de pé, tomando sua cerveja e comendo o “pão com bife” – a iguaria tradicional da Suburbana. Uma vez mais: observar a Suburbana neste lugar de meio termo entre o profissional e a várzea, nos convidou a perceber como o primeiro guarda elementos da segunda e como a segunda, como tudo, é cada vez mais influenciada pelo primeiro. Há um jornal, com capa e contracapa, exposto em uma banquinha diante da qual garotos jogam uma pelada, sonhando com o dia em que estarão na capa do jornal.

#### Referências Bibliográficas

ALMEIDA SANTOS, Antônio César. **Memórias e Cidade**: depoimentos orais e transformação urbana – Curitiba (1930-1990). Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

ARCHETTI, Eduardo. **Masculinidades**: fútbol, tango y polo en Argentina. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

BITERN COURT, Fernando Gonçalves. “Dolor y cuerpo en el fútbol: una etnografía del mundo vivido en un centro de entrenamiento de un club brasileño” In: GODIO, Matias y ULIANA, Santiago (orgs.). **Fútbol y Sociedad**. Buenos Aires: EDUNTREF, 2011. p. 157-174.

BRITO, Simone; MORAIS, Jorge Ventura de e BARRETO, Túlio Velho. “Regras de Jogo *versus* Regras Moraes: para uma teoria sociológica do fair play” In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 26, n. 75, 2011, p. 133-146.

DAMO, Arlei Sander. **Do Dom à Profissão**: formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores, 2007.

FARIA, Eliene Lopes. “Jogo de Corpo, Corpo do Jogo: futebol e masculinidade” In: **Cadernos de Campo**, n. 18, São Paulo, 2009, p. 65-86.

FRYDENBERG, Julio. **História Social del Fútbol**: del amateurismo a la profesionalización. Buenos Aires: Siglo Veintuno Editores, 2011.

GOLDBLATT, David. **The Ball is Round**: a global history of football. London: Penguin, 2006. Kindle Edition.

LEITE LOPES, José Sérgio. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Cláudio H. M; SILVA, Fernando Teixeira e FORTES, Alexandre

(orgs.). **Culturas de Classe:** identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004. p. 121-163.

MAGNANI, José Guilherme e MORGADO, Naira. “Futebol de Várzea também é patrimônio” In: **Revista do Patrimônio Artístico e Nacional**, São Paulo, n. 24, 1996, p. 175-184.

MULFORD, Levi e MACHADO, Heriberto. **Futebol no Paraná:** 100 anos de história. Curitiba: edição dos autores, 2005.

OLIVEIRA, Dennison. **Curitiba e o Mito da Cidade Modelo**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

OLIVEIRA, Allan de Paula; SOUZA, Hélder Cyrelli de e MACHADO, João Castelo Branco. **O Futebol da Contracapa**. Curitiba: Máquina de Escrever, 2013.

SANTOS, Marco. “Periferia e Várzea: um espaço de sociabilidade” In: COSTA, Márcia et al. (org.). **Futebol:** o espetáculo do século. São Paulo: Musa Editora, 1999. p. 117-118.

SPAGGIARI, Enrico. “Ganhar Jogo, Pagar Jogo e Ganhar Visita: prática futebolística em bairro rural” In: **Horizontes Antropológicos**, ano 14, n. 30, Porto Alegre, 2008, p. 165-190.

WACQUANT, Loïc. **De Corpo e Alma:** notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, 2002.